

O CRÍSTICO ¹

Apresentação²

Ainda antes de ter terminado Le Cœur de la Matière, o Padre Teilhard pressentia ser aquela a sua última obra. E sobre ela escreveu: «Este extraordinário Crístico que eu não quereria morrer sem ter expresso tal como o entrevejo com um encantamento que nunca deixou de aumentar.» (Carta a J. Mortier, 19 de Agosto de 1950).

E, nas suas Notas de Retiro, em 29 de Setembro seguinte, pode ler-se: «Meu Deus Jesus, uma vez mais, a mesma oração, a mais ardente, a mais humilde: Fazer com que eu termine bem, (...) terminar bem, quer dizer, ter tido tempo e ocasião para formular a minha Mensagem Essencial, a Essência da minha Mensagem.»

Na primavera do segundo ano de exílio em Nova Iorque, o Padre Teilhard anuncia: «A primeira coisa que escreverei “para mim” (e para os íntimos), será talvez um estudo sobre “A Cristosfera”, - ou sobre o Crístico (o Ponto, o Meio e a Energia crísticos), e reconduzindo-me isso, mais ou menos, ao “Meio Divino”. (A J.M., 20 de Abril 1952).

Em 1954, regressa ao seu projecto: «Entretanto, penso cada vez mais em escrever qualquer coisa de “confidencial” sobre o Crístico: Uma espécie de quintessência do Meio Divino, da Missa sobre o Mundo e do Coração da Matéria. Evocação da formidável “integração” psicológica (como agora se diz) realizável (e em vias de inevitável realização) pelo encontro entre o Cristo-pleromizante da Revelação e o Evolutivo convergente da Ciência. Todo o Universo que se amoriza, desde o ínfimo ao imenso ao longo de toda a Duração...» (A J.M., 22 de Setembro de 1954).

Finalmente, dois meses antes de morrer, o Padre começa a redacção do ensaio que tinha amadurecido ao longo de cinco anos: «Dedico-me decididamente ao Crístico, ainda sem saber bem nem o tom nem a forma que a coisa virá a tomar (entre o Meio Divino, a Missa sobre o Mundo e o Coração da Matéria...). Reze para que eu faça o melhor possível, - para que “o seu” reino venha.» (A J.M., 9 de Setembro de 1955).

Introdução. A amorização do Universo

As páginas que vão seguir-se não são uma simples dissertação especulativa, expondo as linhas mestras de um sistema amadurecido ao longo de muito tempo e engenhosamente construído.

Pelo contrário, elas representam, expresso com toda a objectividade, sobre um acontecimento interior determinado, sobre uma experiência pessoal

¹ Tradução da responsabilidade da **Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal**

² Esta apresentação é uma nota do editor da edição em 1976 de *Le Cœur de la Matière*, que constitui o 13º e último tomo das *Œuvres Complètes*, de Teilhard de Chardin, Éditions du Seuil, e que contém o ensaio *Le Christique*, acabado um mês antes da morte do autor, ocorrida no dia 10 de Abril de 1955

determinada, em que me é impossível deixar de discernir o traço duma deriva geral do Humano sobre si próprio.

Pouco a pouco, ao longo da minha existência, despertou em mim (até se tornar habitual) a percepção de dois movimentos ou correntes psíquicas fundamentais, em que todos nós participamos sem, contudo, disso nos darmos suficientemente conta.

Por um lado, a aproximação irresistível do meu pensamento individual de tudo o que, na Terra, pensa, - e, assim, a pouco e pouco, de tudo o que está em vias de «se organizar», onde quer que seja, e em qualquer grau que seja, nas imensidades do Tempo e do Espaço.

Por outro lado, a individualização persistente, no centro do meu pequeno *ego*, de um ultra-Centro de pensamento e de acção: a subida im-parável, no fundo da minha consciência, duma espécie de Outro que seria ainda mais eu do que eu mesmo sou.

Por um lado, o Fluxo, simultaneamente físico e psíquico, que enrolava a totalidade do Estofado das Coisas, tornando-o mais complexo, ao ponto de o fazer co-reflectir-se.

Por outro lado, sob as espécies de um Divino incarnado, uma Presença de tal modo íntima, que exigia, para se satisfazer e para me satisfazer, ser, por natureza, universal.

Duplo sentido (e sentimento) duma *Convergência cósmica* e duma *Emergência crística* que, cada uma ao seu modo, me invadiam totalmente.

Afectando-me, embora, uma e outra, até ao cerne do meu ser, seria concebível que estes dois afluxos de consciência, porque me atingiam em ângulos diferentes, ficassem sem efeito, um em relação ao outro ...

Ora, pelo contrário (e é esta, rigorosamente, a experiência que nestas páginas procuro traduzir), a alegria e a força da minha vida terão sido as de eu constatar que, ao tornarem-se próximos, estes dois ingredientes espirituais reagiam inesgotavelmente entre si, com um fulgor extraordinário: desencadeando, pela sua implosão, uma luz tão intensa que transfigurava (ou mesmo «trans-substanciava») para mim as próprias profundezas do Mundo.

O acesso subitamente aberto ao Homem do século XX, pela maturação conjugada da Revelação e da Ciência, duma espécie de ultra-dimensão das Coisas, onde (de maneira nenhuma por neutralização, mas por paroxismo) se esbatem todas as diferenças entre Acção, Paixão e Comunhão, - às temperaturas do Centro e à escala do Todo ...

O Universo a amorizar-se e personalizar-se no próprio dinamismo da sua evolução ...

Há já muito tempo, na *Missa sobre o Mundo* e em *O Meio Divino*, tentei, perante essas perspectivas apenas esboçadas em mim, fixar a minha admiração e o meu assombro.

Hoje, passados quarenta anos de reflexão contínua³, é ainda exactamente a mesma visão fundamental que sinto a necessidade de expressar, de fazer partilhar, na sua forma amadurecida, - uma última vez.⁴

Isto com menos frescura e exuberância na expressão do que no momento do primeiro encontro.

Mas sempre com o mesmo deslumbramento - e a mesma paixão.

³ Em *Le Cœur de la Matière* (1950) procurei descrever, numa espécie de autobiografia, o processo geral e as principais fases da «aparição». (N.A.)

⁴ Note-se o premonitório desta afirmação: o autor morreria daí a um escasso mês. (N.T.)

1. A convergência do Universo

Quer se queira quer não, quer o reconheçamos ou não, todos nos tornámos hoje «evolucionistas». Pela estreita brecha de darwinismo aberta, há um século, na zoologia, o sentido de Duração invadiu de tal modo, desde então, a totalidade da nossa experiência, que precisamos de fazer um esforço, por exemplo, para regressar ao tempo, não ainda muito distante (cerca de 1900!), em que ainda se disputava acerbamente sobre a formação das Espécies, sem se imaginar que, cinquenta anos mais tarde, a economia inteira da humanidade se acharia baseada na génese do Átomo.

Hoje, repito, todos nós pensamos e agimos, inevitavelmente, num Mundo que sabemos estar em contínua formação e transformação.

Mas sem que, por isso, esta disposição geral já tenha encontrado, no nosso pensamento, a sua expressão final e completa.

Num primeiro grau (o mais vago), *evoluir* pode significar *mudar*, quaisquer que sejam a natureza e as modalidades dessa mudança: irregular ou orientada, contínua ou periódica, aditiva ou dispersiva, etc., etc.

A este nível elementar, pode dizer-se que, na Física e na Biologia, a questão está perfeitamente regularizada. O movimento que anima, em nós e à nossa volta, o Estofa do Universo, não é uma simples agitação, nem uma simples tendência para o homogêneo. Muito simplesmente, ele apresenta-se-nos como um processo – ou, mais exactamente, como a soma de dois processos, - de natureza *dirigida*.

a) Um, de «arranjo», dando nascença, por «corpusculização» gradual da Energia cósmica, à infinita variedade (cada vez mais complexa e cada vez mais «psiquizada») dos átomos, moléculas, células, seres vivos, etc.

b) O outro, de «desarranjo» (Entropia) fazendo regressar constantemente a Energia organizada às suas formas mais prováveis e, portanto, às mais simples.

Sobre esta figura geral duma Evolução comparável, no seu conjunto, a um rio de águas amorfas (a Entropia) no seio do qual se individualizariam, por contracorrente, inumeráveis turbilhões, pode dizer-se que os observadores competentes estão hoje de acordo. «Fenomenalmente» falando, o Mundo apresenta-se-nos não apenas como um sistema em simples movimento, mas como um sistema em estado de *génese*, o que é totalmente diferente. Através das metamorfoses da «Matéria», algo se faz (e, simultaneamente, se desfaz), seguindo uma certa orientação global, irreversivelmente e aditivamente.

Mas eis que, precisamente por esta razão, um problema ulterior (para não dizer último) se nos impõe.

No caso do rio acima tomado como comparação, o que é mais definitivo e importante é, sem dúvida, a corrente principal e não os redemoinhos furtivamente formados na massa das águas descendentes. Em Cosmogénese, pelo contrário, como decidir do valor relativo dos dois termos em presença? «O que conta» em matéria de Evolução, - isto é, o que terá a última palavra, cosmicamente, será, na verdade, (como poderia parecer à primeira vista) a majestosa e inflexível Entropia? – ou não serão, pelo contrário, (apesar de certas aparências de fragilidade) os nódulos cada vez mais complexos e cada vez mais sucessivamente centrados, formados no decurso das eras planetárias? Dito doutra forma, é na direcção do inarranjado-inconsciente (solução materialista), ou, pelo contrário, na direcção do Arranjado-consciente (solução espiritualista) que o Universo se encontra, por fim, em equilíbrio.

Sobre este problema (por mais vital que seja para nós) de valor e de futuro, a Ciência recusa-se ainda a tomar posição e os espíritos permanecem divididos. Questão experimentalmente insolúvel, vai-se repetindo, cuja resposta releva do domínio da filosofia ou do sentimento ...

Pelo contrário, questão tecnicamente possível, gritaria eu, desde que os nossos olhos não permaneçam fechados à significação bio-cósmica dum fenómeno simultaneamente tão grande e tão próximo de nós que acabamos por nem dele nos apercebermos, precisamente por nele estarmos mergulhados: o Fenómeno, quero eu dizer, da *co-reflexão* humana.

Porque nascemos e vivemos no próprio seio do acontecimento, parece-nos perfeitamente natural, não só pensarmos connosco próprios, mas também pensarmos, inevitavelmente, ao mesmo tempo com todos os outros: ou seja, encontrarmo-nos cada vez mais empenhados, por cada um dos nossos gestos, na edificação dum acto humano total de visão e de operação.

Em contrapartida, e tomando para tal o recuo suficiente, procuremos reintegrar numa perspectiva geral do Mundo o processo de «co-conscientização» em que participamos.

Veremos que uma evidência claríssima (e estranhamente libertadora) emerge dos factos: é que, sob a banalidade e a superficialidade aparentes do arranjo técnico-social da Terra, é a própria Evolução, pela sua face orientada para o Improvável, que se prolonga e se acelera para além dos nossos pequenos centros individuais, na direcção a uma Complexidade-Consciência de dimensões planetárias.

E esta simples constatação é, simultaneamente para a nossa inteligência e para a nossa vontade, duma importância decisiva.

De entre os teóricos da Biogénese, muitos falam ainda como se a deriva cósmica (anti-entrópica) de Arranjo afinal se traduzisse finalmente *numa expansão diversificante e dispersante* das formas vivas. Pelo contrário, do facto, correctamente interpretado, da co-reflexão terrestre, resulta que essa deriva, atingindo a maturidade, toma inevitavelmente a forma de *uma centração diferenciante e unanimizante* de toda a componente hominizada do Estofa das Coisas.

Experimentalmente, observado nas suas zonas extremas, na direcção do Improvável, *o Universo converge sobre si mesmo* ...

Na minha perspectiva, é impossível ser-se correcta e plenamente evolucionista sem se dar conta e admitir este refluir «psicogenético» do Mundo sobre si mesmo.

E impossível, acrescentaria ainda, despertar para a percepção duma tal forma «centrípetas» de cosmogénese sem se ser levado a reconhecer e a concordar (por múltiplas razões, tanto físicas como psicológicas⁵) que é forçosamente no sentido em que o Universo se enrola sobre si (e não segundo a direcção inversa) que ele toma simultaneamente consistência e valor.

Assim aparece e se afirma – transfigurando o Mundo que ilumina, aquece e consolida – um *Fluxo universal de unificação e de irreversibilização* em que nos encontramos banhados.

Dinamismo superior, controlando e sobre-animando todos os outros dinamismos pelo de dentro ...

⁵ Razões físicas de estrutura: por natureza, a união consolida, desde que a unificação continue a agir. E razões psicológicas de exigência: se a unificação biológica do Mundo pudesse conceber-se como devendo acabar um dia, a previsão deste fim (ver mais adiante) bastaria para matar em nós (pelo desgosto de sobrevivência) o esforço evolutivo de co-reflexão. (N.A.)

Neo-ambiente de visão e de acção, de facto, fora do qual se poderia justamente temer que a Antropogénese esmorecesse e definhasse; mas no seio do qual, pelo contrário, se concebe que às forças de ultra-hominização não haja limites para ir em frente.

2. A emergência do Cristo

Ao longo dos parágrafos anteriores, procurei fazer sentir a que ponto o rosto do Mundo se transforma quando nos decidamos a dar plena expressão e lugar integral ao *Fenómeno Humano de Co-reflexão*.

Dirigindo agora o nosso olhar numa direcção aparentemente diferente, ou seja, passando do plano físico ao plano místico do conhecimento, vejamos se, por acaso, não se operará uma metamorfose da mesma ordem (simétrica, ou mesmo complementar) nas nossas perspectivas intelectuais e emocionais do Universo, ao considerar mais atentamente o *Fenómeno Cristão* de adoração.

O Fenómeno Cristão ...

Na sequência do desenvolvimento da Ciência resultante do estudo das religiões comparadas, este grande acontecimento, unanimemente olhado no Ocidente, há quase dois mil anos, como único na história do Mundo, poderia parecer, à primeira vista, estar a sofrer, neste momento, o mesmo eclipse que sofreu, nos começos do Darwinismo, a aparição do Homem na Natureza, no Quaternário. «O Cristianismo: uma notável espécie de religião, certamente; mas entre muitas outras e somente por um período determinado.» Eis o que pensa, e diz, mais ou menos explicitamente, nos nossos dias, uma enorme maioria de pessoas «inteligentes».

Ora, da mesma maneira que, no caso do Homem, bastou ao Humano, para reconquistar o seu primado – já não no centro, desta vez, mas à cabeça das coisas –, que sobressaíssem pouco a pouco, na nossa perspectiva, o lugar e a função evolutiva da Reflexão; assim também me parece que o Cristianismo, longe de perder o seu primado no seio do vasto tumulto religioso desencadeado pela totalização do mundo moderno, muito pelo contrário, retoma e consolida o seu lugar axial e dirigente na flecha das energias psíquicas humanas: desde que seja prestada a atenção suficiente ao seu extraordinário e significativo poder de «pan-amorização».

O amor cristão, a caridade cristã ...

Por experiência, sei muito bem que esta expressão, quando pronunciada diante de não-cristãos, desperta, na maioria das vezes, uma incredulidade indulgente ou maliciosa. «Amar Deus e o Mundo, ouve-se objectar, não é isso um acto psicologicamente absurdo? Na verdade, como amar o Intangível e o Universal? E além disso, na medida em que, mais ou menos metaforicamente, se se acatar como possível um amor de tudo e do Todo, esse gesto interior não é também familiar aos Bâgti hindus, aos Babaistas persas, e a muitos outros ainda, antes de ser especificamente cristão?...»

E, contudo, materialmente, – brutalmente, quase –, para nos provar o contrário, os factos não estão aí, mesmo sob os nossos olhos?

Por um lado, digam o que disserem, um amor (um *verdadeiro* amor) de Deus é perfeitamente possível. Porque, se o não fosse, todos os mosteiros e todas as igrejas da Terra se esvaziariam dum dia para o outro; e o Cristianismo, apesar do quadro dos seus ritos, preceitos e hierarquia, ficaria reduzido a zero – inevitavelmente.

Por outro lado, esse amor tem certamente algo de mais forte no Cristianismo do que em qualquer outra parte. Porém, se assim não fosse, apesar de todas as virtudes e de todos os atractivos de doçura evangélica, há muito que a doutrina das Beatitudes e da Cruz teria dado lugar a qualquer Credo (e mais especialmente a qualquer humanismo ou terrenismo) mais combativo.

Quaisquer que sejam os méritos das outras religiões, e que o expliquem como quiserem, é inegável que o mais ardente foco colectivo de amor alguma vez surgido no Mundo arde, *hic et nunc*, no coração da Igreja de Deus.

De facto, neste momento, nenhuma Fé religiosa irradia (e jamais irradiou em qualquer momento da História) um calor mais forte, um dinamismo de unificação mais intenso, do que o Cristianismo (quanto mais católico seja). E, *de direito*, é perfeitamente natural que assim seja; porque, em nenhum outro Credo, existente ou passado, se encontram assim «miraculosamente» e eficazmente associadas, para nos seduzir e nos cativar, as seguintes três características do Deus cristão incarnado:

- a) Tangibilidade de ordem experimental, devida à inserção histórica (por nascimento) de Cristo Jesus no próprio processo da Evolução.
- b) Expansibilidade de ordem universal, conferida ao Centro Crístico por efeito de «ressurreição».
- c) Poder assimilador, enfim, de ordem orgânica, integrando potencialmente na unidade de um só «corpo» a totalidade do género humano.

É fácil criticar abstractamente esta paradoxal mistura de «antropomorfismo» primitivo, de maravilhoso mítico e de ousadia gnóstica. Mas é um facto notável, insisto, que a combinação dos três elementos (por mais estranha que possa parecer) *se aguenta*, – que *opera* –, e que bastaria atenuar a realidade (ou mesmo o realismo) dum só destas três componentes em presença para que a chama cristã se extinguísse imediatamente.

No fim de contas, o que faz a imbatível superioridade do Cristianismo sobre todas as outras espécies de Fé é encontrar-se identificado cada vez mais conscientemente com uma *Cristogénese*, isto é, com a ascensão perceptível de *uma certa Presença universal*, simultaneamente *imortalizante e unificante*.

Exactamente a réplica do que nos havia revelado há pouco (mas em termos de «Fluxo») a análise, levada ao extremo, do Fenómeno humano!

Aqui (no caso do Cristão), um Centro em expansão, que procura uma esfera.

Lá (no Humano), uma esfera em vias de aprofundamento, que apela por um centro.

Seria possível que uma complementaridade tão evidente fosse uma mera coincidência – ou uma ilusão?

3. O universo cristificado

A consciência de se estar imerso num Mundo cujas duas metades (física e mística) se fecham lentamente, com toda a força dum Mundo, sobre uma Humanidade que nasce dessa aproximação. E, por consequência, a consciência de aceder a um híper-meio de Vida engendrado pelo encontro entre um Cristo que emerge e um Universo que converge ...

Eis-nos chegados mesmo ao coração da experiência que estas páginas se esforçam por testemunhar.

Para lhe conferirmos mais força, tentemos pôr as coisas em ordem. E, para isso, examinemos sucessivamente:

- em primeiro lugar, como, no decurso do acontecimento, o Universo e Cristo, cada um por seu lado, se completam conjugando-se;

- depois, como, a partir desta mesma conjugação, uma terceira Coisa aparece (ao mesmo tempo Elemento, Meio e Face universais), na qual as categorias mais familiares da nossa operação e do nosso entendimento simultaneamente perdem a sua oposição e, contudo, encontram a sua plena expressão.

a) A Consumação do Universo por Cristo

Com toda a sinceridade, constatei, notei e elogiei mais acima (1ª Parte) a realidade e o valor espiritualizante da nova forma de «sentido cósmico» despertada no Homem moderno pela evidência, que a Ciência lhe patenteia, de pertencer a um Universo de tipo convergente.

Como pessoa, sei, por o ter experimentado, o que este «sentido evolutivo» (ou «sentido humano») tem, ao mesmo tempo, de envolvente, fortificante e exaltante. E, por isso, estou absolutamente convencido de que é somente a partir e tendo por base este novo elemento físico que podem construir-se (e de facto se construirão) os grandes edifícios espirituais de amanhã.

De acrescentar que, por razões de monta, eu duvido de que, deixada a si própria, a consciência (por mais intensa que seja em cada um de nós) de participar num Fluxo planetário de co-reflexão seja capaz de fundar a espécie de religião tão calorosa e brilhantemente anunciada pelo meu amigo J. Huxley, sob o nome de Humanismo evolutivo.

Porque, enfim, por mais persuadidos que estejamos (seja pela curvatura específica do meio cósmico em que estamos imersos, seja pelas exigências de irreversibilidade inerentes à nossa Acção reflectida) que um Pólo superior de compleição e consolidação (chamemos-lhe *Ómega*) nos espera no termo superior da Hominização, esse Pólo *Ómega*, em definitivo, só se atinge por extra-polação: mantém-se de natureza conjectural e postulada.

Sem contar que, mesmo admitindo que está «garantido na sua existência futura», ele não se apresenta à nossa expectativa senão sob traços vagos e esfumados, em que o Colectivo e o Virtual se misturam perigosamente ao Pessoal e ao Real.

Em contrapartida, o que acontece se, por adesão simultânea tanto ao Neo-cristianismo como ao Neo-humanismo contemporâneos, o nosso espírito desperta, primeiramente para a suspeita e, depois, para a evidência de que o *Cristo da Revelação* outra coisa não é senão o *Ómega da Evolução*?

Então, nesse instante, o Universo experimental completa-se e activa-se definitivamente aos nossos olhos e no nosso coração.

Por um lado, com efeito, sobre nós uma imensa abertura começa a luzir positivamente, no fundo do túnel. Num Mundo seguramente aberto no seu cume *in Christo Jesu*, já não corremos o risco de morrer sufocados!

E, por outro lado, descendo dessas alturas, não é apenas ar, é a irradiação dum amor que nos chega. Para uma Vida despertada na previsão do Futuro, o Mundo não é somente respirável, antes se revela, pelo seu cume evolutivo, apaixonadamente atractivo.

Energeticamente falando, é preciso reconhecer que o Cristo vem mesmo a calhar, nos nossos dias, não só para preservar o Homem duma revolta legítima

contra a Vida, perante a simples ameaça, a simples suspeita, duma morte total – mas ainda por lhe trazer a excitação *máxima*, sem a qual o Pensamento não seria certamente capaz de atingir o termo planetário da sua Reflexão.

Na verdade, o Cristo salva,
– mas não é necessário acrescentar desde logo que ele é, simultaneamente, salvo pela
Evolução ?

b) A Consumação do Cristo pelo Universo

No Cristo total (neste ponto a tradição cristã é unânime) não existe somente o Homem e o Deus. Mas há ainda Aquele que, no seu ser «teândrico⁶», reúne toda a Criação: « *in quo omnia constant* ».

Até aqui e apesar do lugar dominante que São Paulo lhe atribui na sua visão do Mundo, este terceiro aspecto ou função – ou mesmo, num sentido verdadeiro, esta terceira «natureza» de Cristo (natureza nem humana, nem divina, mas «cós mica») – ainda não atraiu muito a atenção explícita dos fieis e dos teólogos.

Em contrapartida, agora, quando, por todas as vias da experiência, o Universo se põe a crescer fantasticamente aos nossos olhos, é certamente chegado o momento de o Cristianismo despertar para a consciência nítida daquilo que o dogma da Universalidade do Cristo, alargado a estas novas dimensões, suscita de esperanças, e, ao mesmo tempo, levanta de dificuldades.

Seguramente esperanças: porque, se o Mundo se torna tão formidavelmente vasto e poderoso, isso quer então dizer que o Cristo é ainda muito maior do que nós pensávamos.

Mas dificuldades também: porque, afinal, como conceber que o Cristo se «imensifique» por força do nosso novo Espaço-Tempo sem, ao mesmo tempo, perder a sua personalidade adorável e, de algum modo, se volatilizar?...

E é aqui que resplandece a espantosa harmonia libertadora entre uma religião de tipo crístico e uma Evolução de tipo convergente.

Se o Mundo fosse um Cosmos estático, – ou ainda, se ele formasse um sistema divergente – prestemos bem atenção, só razões de natureza conceptual e jurídica poderiam ser invocadas para fundamentar o Primado de Cristo sobre a Criação. O Cristo rei de todas as coisas, porque assim foi *declarado* como tal, e não porque qualquer relação orgânica de dependência exista (nem mesmo possa concebivelmente existir) entre Ele e uma Multiplicidade fundamentalmente *irreduzível*.

E, nesta perspectiva de natureza *extrínseca*, é com muita dificuldade que poderemos ainda honestamente falar duma «cosmicidade» crística...

Mas se, por outro lado, e tal como os factos o comprovam, o Universo, o nosso Universo⁷, forma efectivamente uma espécie de «vórtice» biológico, dinamicamente centrado sobre si, então como não ver que uma posição única, singular, se revela no cume espaço-temporal do sistema, onde o Cristo, sem deformação nem esforço, se torna literalmente, com um realismo inaudito, no *Pantocrator* ?

⁶ “*simultaneamente divino e humano; diz-se das acções divino-humanas de Jesus Cristo*” (Dic. Houaiss da Língua Portuguesa, Círculo de Leitores, Lisboa, 2003) [N.T.]

⁷ E, provavelmente (na medida em que criar é unificar), *todo* o Universo possível, (N.A.)

A partir dum Ómega evolutivo onde o supomos localizado, não só se torna concebível que o Cristo irradie *fisicamente* sobre a totalidade assombrosa das coisas, como é inevitável que essa irradiação atinja o máximo de penetração e de activação.

Erigido em Motor Primeiro do movimento evolutivo de complexidade-consciência, o Cristo-cósmico torna-se cosmicamente possível. E, ao mesmo tempo, *ipso facto*, adquire e desenvolve, em toda a plenitude, uma verdadeira *omnipresença de transformação*. Toda a energia, todo o acontecimento, para cada um de nós, se sobre-anima sob a sua influência e atracção. Em última análise, a Cosmogénese, que na ordem do seu eixo principal precede a Biogénese e depois a Noogénese, culmina na Cristogénese, venerada por qualquer cristão.

E então eis que, aos olhos maravilhados do crente, é o próprio mistério eucarístico que se prolonga até ao infinito numa autêntica «transubstanciação» universal, em que já não é apenas sobre o pão e o vinho sacrificiais, mas verdadeiramente sobre a totalidade das alegrias e das penas engendradas, nos seus progressos, pela Convergência do Mundo, que recaem as palavras da Consagração⁸,

– e que originam as possibilidades de uma universal Comunhão.

c) O Meio Divino

Nos seus esforços por se unir ao Divino, até agora o Homem não tinha procurado senão duas vias. O evadir-se do Mundo no «além», ou, pelo contrário, fundir-se nas coisas, a fim de se unificar com elas, monisticamente. E, de facto, em termos de Cosmos, que outra coisa podia ele fazer para escapar à multiplicidade interna e externa que o torturava?

Mas a partir do momento em que, por Cosmogénese orientada para um Ómega crístico, o Universo toma aos nossos olhos a forma de um conjunto realmente convergente, então uma terceira via, completamente nova, abre-se ao «místico» para chegar à unidade total. E há que coincidir, com todas as suas forças e com todo o seu coração, com o Foco, ainda apenas entrevisto, mas já existente, de unificação universal (já que a Esfera inteira do Mundo não é outra coisa senão um Centro em processo de centração sobre si mesmo).

Com o Universo cristificado (ou, o que vem dar o mesmo, com o Cristo universalizado), surge um super-meio evolutivo (a que eu chamei «o Meio Divino»), cujas propriedades (ou «liberdades») particulares – ligadas elas mesmas à emergência de dimensões psíquicas absolutamente novas – é indispensável que, doravante, todos os homens apreendam.

Basicamente (em virtude de tudo o que acabo de dizer), o que caracteriza o Meio Divino é ele constituir uma realidade dinâmica em que toda a oposição entre Universal e Pessoal se vai apagando (sem confusão): os múltiplos elementos «reflexivos» do Mundo, completando-se cada um no seu *ego* infinitesimal, por acesso integrante ao *Ego* crístico, em direcção ao qual a totalidade do Participado gravita (e que consuma consumando-se).

Em virtude desta total interligação de convergência, nem um só *ego* elementar se pode aproximar do Centro crístico sem que a esfera inteira do Mundo se concentre um pouco mais ainda, sobre si mesma, nem, reciprocamente, o Centro crístico se pode comunicar, por pouco que seja, ao

⁸ Cf. *Le Prêtre*, Obras, tomo XII, Ed. du Seuil, (N.E.), e *Messe sur le Monde*, Obras, tomo XIII, Ed. du Seuil (N.T.)

mínimo dos elementos do Mundo, sem que se estreite mais apertadamente sobre Ele toda a camada das coisas.

Ascendente ou descendente, toda a operação (pela própria curvatura do «espaço» particular em que ela se concretiza) é, no limite, simultaneamente pan-humanizante e pan-cristificante.

De tal modo que, para o «vidente», toda a oposição se esbate entre apego e desapego, acção e oração, investigação e adoração, centração sobre si e excentração sobre o Outro...

Deus sendo doravante apreendido e apreensível (e, mesmo, num verdadeiro sentido, completável) pela totalidade envolvente daquilo a que chamamos a Evolução – *in Christo Jesu*.

Ainda e sempre o Cristianismo, claro! Mas um Cristianismo reincarnado uma segunda vez (e como que à segunda potência) nas energias espirituais da Matéria. Exactamente o «ultra-cristianismo» de que necessitamos neste momento para responder às exigências crescentes do «ultra-humano».

4. A religião de amanhã

Sem que ainda nos demos bem conta disso, a questão nº1 que começa a colocar-se à Humanidade em vias de se organizar planetariamente é um problema de *activação* espiritual. Ao pôr a mão no Atómico, acabamos de tocar nas fontes primordiais da *Energia de evolução*. Esta conquista decisiva não poderia bastar-se, a menos que, simetricamente, no outro pólo das coisas, encontrássemos a forma de fazer crescer, em iguais proporções, o *Elã de evolução*, no seio da Noosfera. A novos poderes correspondem novas aspirações. Para equilibrar e utilizar este acréscimo de potência física, a Humanidade não exige nada menos que um novo impulso de intensidade no seu gosto de agir, no seu gosto de investigar, no seu gosto de criar. Ora, em que consiste, para um ser reflexivo, um tal gosto de completar-se, senão na expectativa de atingir um Cume supremo de consciência onde se instalar definitivamente?

E, por sua vez, uma tal fé expectante numa consumação futura, o que representa, no sentido mais verdadeiro e mais psicológico do termo, senão uma «religião»?

Uma Religião da Evolução: eis, pois, finalmente, aquilo de que, para sobreviver ou super-viver, o Homem tem cada vez mais explicitamente necessidade, quando acede à consciência do seu poder e do seu dever de self-ultra-hominização.

«Em regime de cosmo-noo-génese, o valor comparado dos Credos religiosos torna-se mensurável pelo seu poder respectivo de activação evolutiva.»

Utilizando este parâmetro, aonde havemos de nos dirigir, por entre as diversas correntes de pensamento modernas, para encontrar, se não a plenitude, ao menos o germe do que, a julgar pela sua potência ultra-hominizante, pode ser encarado como a Religião de amanhã?

Nesta ordem de ideias, uma primeira constatação se impõe. É que, nem do lado das *religiões do Para a Frente* (Humanismo marxista e outras), nem do lado das *religiões do Para o Alto* (teísmos e panteísmos diversos), a espécie de Fé energeticamente requerida para o funcionamento dum mundo humano totalizado não está ainda formulada entre nós de maneira satisfatória.

Nem no Para o Alto, posso afirmá-lo. Porque, seja por timidez em admitir a realidade e as consequências duma convergência biológica da Humanidade

sobre si mesma, seja por obstinação em não ver, na ascensão evolutiva do Psíquico, senão um fugaz epifenómeno, todas as formas de Humanismo existentes actualmente (mesmo as menos materialistas) se mostram igualmente incapazes de dar ao Homem a confiança estimulante (e indispensável) para avançar em direcção a um objectivo supremamente desejável e, mais importante ainda, a um objectivo indestrutível no termo das actividades. Quer seja por colectivização despersonalizante dos indivíduos, quer por ameaça não neutralizada duma morte total, não existe uma só das «religiões» até agora nascidas da Ciência, em que o Universo não se torne desesperadamente glacial e desesperadamente fechado (ou seja, afinal, inabitável) para a frente, nas suas zonas «polares». Esta é a verdade!

Nem, acrescentaria eu, *Para o Alto*. Porque (só para nos limitarmos, nesta direcção, ao caso mais significativo e mais favorável, ou seja, o do Cristianismo «clássico») não se torna cada dia mais evidente para a nossa geração que qualquer coisa de essencial falta a um Evangelismo *sub-maniqueizado*, em que o progresso do Conhecimento e da Técnica ainda estão presentes, não como co-condição primária, mas como um simples acréscimo, da espiritualização humana; onde o fracasso toma, em pé de igualdade, tanto ou mais valor santificante que o sucesso; onde a Cruz é constantemente posta sob os nossos olhos para nos recordar um insucesso inicial do Mundo em que vivemos; onde a Parusia plana no horizonte mais como uma catástrofe, muito mais do que como um acabamento ?...

Confessemos-lo, se os neo-humanistas do século XX nos desumanizam sob o seu céu demasiado baixo, as formas ainda vivas do teísmo (a começar pela cristã) tendem a sub-humanizar-nos na atmosfera rarefeita dum céu demasiado alto. Ainda sistematicamente fechados aos grandes horizontes e aos grandes sopros da Cosmogénese, deixaram de sentir verdadeiramente a Terra – uma Terra cujos atritos internos elas podem ainda, como óleo balsâmico, suavizar, mas cujas potencialidades não impulsionam (como seria necessário).

E é aqui que se revela a virtude do «Crístico» - tal como nos surgiu, mais acima, engendrado pelo encontro progressivo, na nossa consciência, entre as exigências cósmicas dum Verbo incarnado e as potencialidades espirituais dum Universo convergente. No seio do Meio Divino, uma rigorosa combinação se efectua, como vimos, entre forças do Céu e forças da Terra. Uma exacta conjugação se produz entre o antigo Deus do Para o Alto e o nosso Deus do Para a Frente.

A partir do momento em que, verdadeiramente, em lugar de o isolar e de o opor ao que se move, nós «conectamos» resolutamente o Cristianismo ao Mundo em movimento, por mais ultrapassado que ele possa parecer aos olhos dos Gentios modernos, recupera instantânea e integralmente o seu poder inicial de activação e de sedução.

Porque, dentre todas as formas de adoração nascidas no decurso da história humana, ele é então o único que manifesta, no seguimento deste «mecanismo», tanto a capacidade de crescimento e de vida como a de diminuição e de morte, no coração e no curso da Noogénese em que nos encontramos imersos.

O Cristianismo, ainda e sempre, repito-o, mas um Cristianismo «renascido», seguro, como nos tempos primitivos, de triunfar no futuro, porque único capaz (pela dupla virtude, *enfim totalmente compreendida*, da Cruz e da Ressurreição) de se tornar a religião especificamente motriz da Evolução.

Conclusão. Terra prometida ⁹

A Energia fazendo-se Presença.

E, assim, a possibilidade não apenas de crer e de esperar a descobrir-se e a abrir-se ao Homem, mas também (coisa bem mais inesperada e mais preciosa) *de amar*, co-extensiva e co-organicamente, com todo o passado, o presente e o futuro de um Universo em vias de concentração sobre si mesmo...

Seria como se um único raio duma luz intensa, incidindo onde quer que seja, como um relâmpago, sobre a Noosfera, devesse provocar uma explosão suficientemente forte para inflamar e renovar quase instantaneamente a face da Terra.

Como é, então, possível que, olhando à minha volta, e ainda atordoado por o que se me revelou, me encontre quase o único da minha espécie? o único a ter *visto*?... incapaz, pois, quando mo perguntam, de citar um só autor, um só escrito, onde se reconheça, claramente expressa, a maravilhosa «Diafania» que, aos meus olhos, tudo transfigurou?

E como é possível, sobretudo, que, «tendo descido da montanha», e apesar da magnificência que trago nos meus olhos, eu me encontre tão pouco melhor, tão pouco pacificado, tão incapaz de fazer passar aos meus actos, e, portanto, de comunicar aos outros, a maravilhosa unidade em que me sinto imerso?

O Cristo-Universal? O Meio Divino?

Acaso não estarei a ser o mero joguete duma miragem interior?...

Eis o que muitas vezes me pergunto.

Mas eis também que, contra isso, do fundo de mim mesmo, três vagas sucessivas de evidências se insurgem, de cada vez que me surpreendo a duvidar – e que varrem do meu espírito o falso temor de que o meu «Crístico» possa ser uma simples ilusão.

Evidência inicial da *coerência* que este inefável Elemento (ou Meio) estabelece no âmago do meu pensamento e do meu coração. Bem entendido (e eu estou farto de o saber...), apesar do ambicioso esplendor das minhas ideias, continuo, na prática, duma imperfeição que me inquieta. Mal-grado as pretensões da sua formulação, a minha fé não opera em mim tanta caridade real, nem tão calma confiança, como o catecismo que se ensina às crianças infunde na humilde pessoa ajoelhada ao meu lado. Mas o que sei também é que esta Fé refinada, de que tão mal me sirvo, é a única que eu posso suportar, a única que me satisfaz – e mesmo (não posso duvidar) a única que será capaz de servir ao comum dos homens e das mulheres de amanhã.

Evidência, em seguida, da *potência contagiosa* de uma forma de Caridade em que se torna possível amar Deus não só «de todo o seu corpo e de toda a sua alma», mas de todo o Universo-em-evolução. Ser-me-ia impossível, confessei-o acima, poder citar uma única «autoridade» (religiosa ou laica), com quem eu pudesse incondicionalmente identificar-me, tanto quanto à «visão cósmica» como quanto à «visão crística». Mas, em contrapartida, como não sentir vibrar à minha volta (que mais não fosse pela maneira como as «minhas ideias» se difundem) a multidão de todos os que – desde as fronteiras da incredulidade até ao recôndito dos conventos – pensam, sentem ou, pelo menos, pressentem exactamente como eu? Consciência reconfortante, na verdade, de nada descobrir por mim mesmo, mas, simplesmente, de fazer ressoar o que forçosamente (perante um certo estado do Cristianismo e do

⁹ No rescaldo da primeira guerra, o padre Teilhard de Chardin já tinha pressentido a outra Terra: «Caminharei para o futuro mais seguro da minha dupla fé de homem e de cristão...Porque pude entrevê-la, do alto da montanha, *A Terra Prometida*.» (Goldscheuer-Bade, Fevereiro 1919. extracto de “Terra Prometida”, tomo XII das obras) (NE).

Mundo) vibra por todo o lado nas almas que me rodeiam. E consciência exaltante de não ser nem eu nem apenas eu – mas de ser legião – mas de ser «todos», mesmo, na medida em que se reconhece, palpitando no fundo de mim, a unanimidade de amanhã.

Evidência, enfim, da *superioridade* (ainda que simultaneamente da *identidade*) daquilo que vejo em relação ao que me haviam ensinado. Pela sua própria função, nem Deus que nos atrai pode ser menos perfeito, nem o Mundo com o qual co-evoluímos pode ser menos estimulante do que o concebemos e de que necessitamos. Tanto num caso como no outro (e a menos que admitamos uma desarmonia positiva no próprio estofa das Coisas), é na direcção do máximo que permanece a verdade. Ora, como vimos mais acima, é no século em que vivemos que no «Cristico» o Divino atinge o auge do adorável e o Evolutivo um extremo de activação. Que dizer, então, senão que é nesta direcção que, inevitavelmente, o Humano se orienta e que, mais cedo ou mais tarde, se unificará?

E, eis que, deste modo, se explica muito naturalmente o meu isolamento, a minha singularidade aparente.

Por toda a Terra, neste momento, no seio da nova atmosfera espiritual criada pela aparição da ideia de Evolução, flutuam, num estado de sensibilização extremo, o amor de Deus e a fé no Mundo: as duas componentes essenciais do Ultra-Humano. Estas duas componentes estão, por todo o lado, pairando «no ar»: mas geralmente não tão fortes, *nem simultaneamente as duas*, para se poderem combinar uma com a outra, *num mesmo sujeito*. Em mim, por puro acaso (temperamento, educação, meio...), tendo sido a proporção de uma e de outra favorável, a fusão operou-se espontaneamente – débil ainda para se propagar explosivamente – mas suficiente, todavia, para garantir que a relação é possível e que, *um dia ou outro*, a *cadeia virá a estabelecer-se*.

Nova prova de que basta que a Verdade apareça uma só vez, num só espírito, para que de futuro nada possa impedi-la de tudo invadir e de tudo inflamar.

Nova Iorque, Março 1955